



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas –

FATECS

BIANCA CRISTINA BATISTA DA SILVA

A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NO CINEMA

HOLLYWOODIANO

**BRASÍLIA
2017**

BIANCA CRISTINA BATISTA DA SILVA

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NO CINEMA
HOLLYWOODIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo do
Centro Universitário de Brasília-
UniCEUB, como um dos requisitos para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Flor Marlene E.
Lopes

**BRASÍLIA
2017**

BIANCA CRISTINA BATISTA DA SILVA

**A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NO CINEMA
HOLLYWOODIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Comunicação
Social com habilitação em Jornalismo do
Centro Universitário de Brasília -
UniCEUB, como um dos requisitos para
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

BRASÍLIA, 20 DE NOVEMBRO DE 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Flor Marlene E. Lopes
Orientadora

Prof. Sérgio Euclides Braga
Examinador

Prof. Dr. Carlos Potiara Castro
Examinador

AGRADECIMENTOS

A caminhada até aqui não foi fácil. Foram muitos altos e baixos acompanhados de noites mal dormidas. Foi preciso muita força e dedicação para chegar onde estou, e contei com a ajuda mais do que especial da minha mãe, Rosimeire.

Agradeço grandemente a essa mulher maravilhosa que esteve do meu lado em todos esses momentos, me dando força e apoio para não desistir qualquer que fosse a dificuldade. E também, pela paz que me transmite, e pelo amor que me dá. Por tudo isso e muito mais sempre serei grata e feliz por tê-la do meu lado e por acreditar em mim.

Meu agradecimento também vai para minha orientadora Flor Marlene, pelas conversas, paciência e todo o auxílio durante todo esse processo. E ainda para o professor Sérgio Euclides, por toda a ajuda desde o início do curso.

RESUMO

O trabalho a seguir teve como objetivo compreender como é a representação da mulher negra na mídia, focando em sua participação na principal premiação do cinema mundial, o Oscar, analisando as vitórias de atrizes negras nas categorias de atuação. Além de, investigar como é a natureza dessas personagens, e se perpetuam estereótipos negativos associados a população negra. Antes, é feita uma contextualização do cinema hollywoodiano, da história do Oscar, e a situação da mulher na premiação, realizando um trabalho comparativo. A pesquisa foi feita de forma bibliográfica e documental, e tem o intuito chamar a atenção para o racismo presente na mídia e contribuir para o debate.

Palavras-chave: Mulher. Negra. Cinema. Oscar. Hollywood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena do filme “Django Livre”	20
Figura 2 - Cena do filme “...E o vento levou”	21
Figura 3 - Pôster promocional da série “How To Get Away With Murder”	23
Figura 4 - Pôster promocional da série “Scandal”	23
Figura 5 - Pôster promocional da série “Empire”	23
Figura 6 - Cena do filme “Dreamgirls”	25
Figura 7 - Cena do Filme “Histórias Cruzadas”	26
Figura 8 - Reunião das empregadas no filme “Histórias Cruzadas”	27
Figura 9 - Rose em cena do filme “Um limite entre nós”	28
Figura 10 - Imagem promocional do filme “Estrelas Além do Tempo”	29
Figura 11 - Rose inconformada após descobrir a traição do marido.....	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CINEMA	9
3	HISTÓRIA DO OSCAR.....	11
3.1	OSCAR 2017.....	11
3.2	MULHERES NO OSCAR.....	13
3.3	ATRIZES VENCEDORAS.....	14
4	REPRESENTATIVIDADE E ESTEREÓTIPOS NEGROS NA MÍDIA.....	19
4.1	BLAXPLOITATION.....	24
5	ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS FILMES HISTÓRIAS CRUZADAS E UM LIMITE ENTRE NÓS.....	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

As questões raciais tomaram espaço na mídia nos últimos tempos, principalmente pelo movimento crescente de autoafirmação à identidade negra. Sendo o Oscar a principal premiação do cinema mundial, é de extrema importância a forma como reconhece a participação de profissionais negros, e as representações entregue por eles.

As interpretações de Denzel Washington, Wesley Snipes, Whoopi Goldberg, Morgan Freeman, Danny Glover e tantos outros trazem personagens que facilitam a autoafirmação negra, tradicionalmente negada pela aversão contraditória da supremacia branca por seus corpos, sua estética, sua sexualidade, e por vários aspectos da sua cultura. (Araújo, 1995).

Sendo assim, a importância do debate a respeito das questões raciais na mídia é necessária para desfazer os estereótipos empregados às figuras negras que são perpetuados em produções atuais. Segundo Douglas Kellner, a mídia é um instrumento que interfere diretamente no comportamento humano, com isso, poderia instruir a população com o objetivo de estancar o racismo. Porém, “o campo da sétima arte, por exemplo, é uma das mídias que insiste em representá-los de maneira equivocada e preconceituosa, fortalecendo o perfil negativo associado aos negros.” (KELLNER, 2001).

O jornalismo tem como função principal informar o leitor. E utilizar o espaço deste trabalho de conclusão de curso para debater sobre o preconceito social, o racismo, estereótipos empregado aos negros, falta de representatividade, e machismo na mídia, que acaba se propagando diretamente na sociedade, é de grande importância.

A análise documental e a pesquisa bibliográfica foram as metodologias escolhidas para realizar esse trabalho. Sabendo que a monografia trata da questão racial na mídia, e a falta de oportunidade para profissionais negros, além da

representatividade falha das personagens citadas, foi necessário encontrar um conjunto bibliográfico que ajudasse a guiar as pesquisas sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites sobre o tema a estudar. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 31).

Publicações alternativas, como blogs e vídeos no Youtube, foram outras rotas encontradas para completar as bases já existentes. Tratando-se de uma pesquisa exploratória que tem o objetivo, entre outros, compreender a representatividade da mulher negra na mídia, concretamente no cinema hollywoodiano, as duas técnicas de pesquisa escolhidas cumpriram seu objetivo traçando o caminho para as conclusões do tema proposto.

2 CINEMA

Há discordância sobre a quem se deve a criação do cinema, o que se sabe é que para a maioria dos estudiosos, foi em 1895. Ano que os irmãos Lumière fizeram a primeira exibição pública, projetaram “A saída dos operários da fábrica Lumière”. Um tempo depois das projeções dos irmãos Lumière, Georges Méliès criava filmes de fantasia, terror e ficção científica, demonstrando que os principais gêneros cinematográficos surgiram cedo, como Philip Kemp explica na introdução do livro ‘Tudo sobre cinema’ (KEMP, 2011, p. 8).

O cinema logo conquistou pessoas de todas as classes sociais, e se tornou um item essencial à cultura. Seu impacto continua sendo forte e influenciando o público de todo o mundo, além disso, “o homem do século XX jamais ser o que é

se não tivesse entrado em contato com a imagem em movimento, independentemente da avaliação estética, política ou ideológica”, como afirma Duarte (2002).

‘É uma arte democrática, uma arte para todas as raças... Aqui as massas da humanidade entram através do movimento vibrante na luz que voa e na beleza que invoca o espírito da raça.’ Porém, um meio tão amplamente disseminado e influente logo caiu sob suspeita - de vulgarizar, de emburrecer, de praticar o sensacionalismo, a sensualidade exagerada, a propaganda política, de encorajar o consumismo desenfreado e corromper a mente e a moral dos jovens. (KEMP, 2011, p. 10).

A crítica às representações no cinema são fortes, principalmente para as mulheres que sempre tiveram espaço na tela como musas e lançadoras de tendências. Desde o início dessa arte as estrelas são padronizadas. Edgar Morin encontrou alguns desses padrões para mulheres na indústria, são eles: *pin-up*, *starlet* e *vedete*. Essas categorias valorizam a beleza ao extremo, e atrizes como Marilyn Monroe, Bette Davis e Elizabeth Taylor são exemplos de atrizes que fizeram parte do *star system*.

O star system, também conhecido como sistema das estrelas, foi um método de criação e promoção das estrelas, entre 1920 e 1960. O sistema moldava as celebridades, de modo a criar personas. Era uma forma de controle da carreira, que dizia aos atores e atrizes em quais produções eles poderiam participar, o que vestir, como agir. Caso algum escândalo ocorresse, o star system “abafava”. A imagem era o fator mais importante, se sobressaindo, inclusive, ao talento do ator ou da atriz. (MORGADO, 2017, p.8).

Em todas as épocas as pessoas seguiram modelos que eram apresentados na mídia, grande parte das vezes em estado de alienação, e desejavam ser como as divas, que em grande parte se tornaram figuras centrais no cinema hollywoodiano.

Quando o cineasta Cecil B. De Mille se instalou próximo a Los Angeles, em 1914, atraiu diversos diretores e atores, e os principais fabricantes de materiais de

filmagem. Além de em 1915, Griffith, Sennett e Ince formaram a empresa Triangle, que serviu de inspiração para os grandes estúdios hollywoodianos que surgiram depois, como explica Philippe Paraire no livro 'O Cinema de Hollywood' (PARAIRE, 1994).

“Fenômeno social e estético, sentido como simples divertimento ou utilizado como suporte para mensagens mais sérias, desde o início soube diversificar-se em gêneros, subgêneros, escolar e estilos muito variados.” (PARAIRE, 1994, p.7).

3 HISTÓRIA DO OSCAR

Com o agrupamento de profissionais do cinema na Califórnia, foi criada no ano de 1927, a Academia das Artes e Ciências Cinematográficas (Academy of Motion Picture Arts and Sciences). “Composta por gente da profissão, em 1927 foi criada uma Academia com o intuito de promover as qualidades culturais, educativas e científicas dos filmes e recompensar os que concorrem para a sua criação” (PARAIRE, 1994, p. 7)

Com isso, a premiação tem o objetivo de destacar e homenagear os principais profissionais da indústria cinematográfica, e se tornou uma das principais e mais disputadas honrarias do cinema ainda no início da década de 1930. De acordo com o site oficial da premiação, há no total 24 categorias na premiação anual do Oscar, além de cinco prêmios especiais, dentre eles o Oscar Honorário e o Oscar Científico ou Técnico.

3.1 OSCAR 2017

No ano de 2017, a 89.^a edição do Oscar entrou para a história. Depois de duas edições (2015-2016), que geraram polêmica por conta da ausência de negros indicados nas categorias de atuação, um grande debate sobre o não reconhecimento dos profissionais negros por parte da premiação ficou em evidência, e até uma hashtag foi criada #OscarSoWhite (#OscarMuitoBranco).

No site oficial da Academia, mostra que dentre os vinte indicados nas categorias de atuação, foram selecionados ao todo seis atrizes e atores negros na edição de 2017: Ruth Negga, na categoria de melhor atriz, Viola Davis, Naomie Harris e Octavia Spencer como melhor atriz coadjuvante, Denzel Washington como melhor ator, e Mahershala Ali, melhor ator coadjuvante.

Além disso, três filmes protagonizados por negros disputam o principal prêmio da noite, melhor filme. São eles: “Um limite entre nós”, em que Viola Davis é coadjuvante e conquistou o prêmio de melhor atriz coadjuvante, e Denzel Washington que foi indicado como melhor ator. O segundo é “Estrelas além do tempo” em que Octavia Spencer obteve indicação de melhor atriz coadjuvante e “Moonlight – Sob a luz do luar” que foi o vencedor desta categoria, além de Mahershala Ali ter ganhado o prêmio de melhor ator coadjuvante. As partes técnicas com a participação de profissionais negros também tiveram destaque, principalmente na categoria de Melhor Edição. Joi McMillon foi a primeira mulher negra indicada nesta categoria pelo filme “Moonlight- Sob a luz do luar”.

No ano de 2016, os casos de violência policial contra a população afro-americana e a eleição de Donald Trump, foram vistas como retrocesso por muitos movimentos sociais estadunidenses, com isso as discussões sobre visibilidade negra na mídia ficaram em evidência. Um dos movimentos ativistas mais fortes é o Black Lives Matter (As vidas negras importam), que luta contra a brutalidade policial e as condições sociais, políticas e econômicas que oprimem os negros dos Estados Unidos.

A descrição no site oficial do movimento é (em tradução livre): “Black Lives Matter é uma intervenção ideológica e política em um mundo onde as vidas negras são sistematicamente e intencionalmente alvo de morte. É uma afirmação da humanidade dos negros, nossas contribuições para essa sociedade e nossa resiliência diante da opressão mortal.”

O movimento tomou parte da grande mídia, e muitos famosos se juntaram a causa, como: Beyoncé, Bono Vox, Pharell Williams, Rihanna, Chris Rock.

Este debate sobre diversidade não fica somente no Oscar, ele se estende para outras premiações também, como Grammy, Globo de Ouro e Emmy. Viola Davis chamou atenção para essa questão em seu discurso no ano de 2015, quando se tornou a primeira mulher negra a receber um Emmy na categoria de melhor atriz em drama, pela série “How to Get Away With Murder”.

“Na minha mente, vejo uma linha. E do outro lado dessa linha, vejo campos verdes, flores adoráveis e lindas mulheres brancas com seus braços estendidos na minha direção, sobre essa linha. Mas não consigo chegar lá de modo algum. Não consigo atravessar essa linha.’ Essa foi Harriet Tubman, na década de 1800. Deixem-me dizer algo a vocês: A única coisa que separa as mulheres negras de qualquer outra pessoa é oportunidade. Você não pode ganhar um Emmy por papéis que simplesmente não estão lá. Então aqui vai um agradecimento a todos os escritores, as pessoas incríveis [...] que redefiniram o que significa ser bonita, ser sexy, ser protagonista, ser negra. E para as Taraji P. Hensons, as Kerry Washingtons, as Halle Berrys, as Nicole Beharies, as Meagan Goods, as Gabrielles Unions: obrigada por nos conduzirem através dessa linha.” (EMMY, 2015)

3.2 MULHERES NO OSCAR

Tirando as categorias de atuação, as mulheres ocupam ainda um lugar bastante pequeno no Oscar. Em pesquisa divulgada em 2016, a organização Women’s Media Center (Centro de Mídia da Mulher) que “é uma organização sem fins lucrativos, que trabalha para aumentar a visibilidade, viabilidade e poder de decisão das mulheres e meninas na mídia”, mostra em estudo (Análise de 10 anos de gênero e nomeações de Oscar) que as mulheres representam apenas 19% dos indicados em categorias que não são de atuação, nas últimas dez edições do Oscar (2006-2015). (WOMEN’S MEDIA CENTER, 2016).

De acordo com o estudo, elas estão mais presentes em categorias como melhor figurino e direção de arte. Mas o que mais chama atenção é a presença esmagadora dos homens na categoria de Melhor Direção, apenas quatro mulheres foram nomeadas na história do prêmio. Lina Wertmuller em 1977, filme: Pasqualino Sete Belezas, Jane Campion em 1994, filme: O Piano, Sofia Coppola em 2004,

filme: Encontros e Desencontros e Kathryn Bigelow em 2010. A única ganhadora foi Bigelow pelo filme “Guerra ao Terror”.

Aplicando mais filtro, chegamos as mulheres negras na premiação no quesito de atuação. Na sessão de ganhadoras no site oficial da premiação, mostra que houveram apenas sete ganhadoras na categoria de “Melhor Atriz Coadjuvante”, e uma na categoria de “Melhor atriz”. (OSCAR, 2017)

3.3 ATRIZES VENCEDORAS ¹

Melhor atriz coadjuvante: Hattie McDaniel - Mammy
E o vento levou, 1939.

Em seu discurso na premiação, Hattie pontuou: “vou usar isso como apoio para qualquer coisa que farei no futuro. Eu sinceramente espero que eu seja sempre uma referência para minha raça, e para a indústria cinematográfica.” (OSCAR). E virou referência, se tornando a primeira mulher negra a ir à premiação como convidada e a ganhar o prêmio como coadjuvante em 1940. Os organizadores do Oscar tiveram que pedir uma autorização especial para que McDaniel pudesse comparecer ao evento, pois o edifício onde a cerimônia ocorreu não permitia a entrada de pessoas negras.

O clássico conta a história de Scarlett O'Hara (Vivien Leigh), filha de um fazendeiro durante a Guerra Civil Americana. E explora a relação confusa de amor e ódio com o aventureiro Rhett Butler (Clark Gable).

O filme foi indicado a 13 categorias do Oscar e venceu oito. A personagem de Hattie era Mammy, escrava de confiança da personagem principal Scarlett O'Hara, e fazia de tudo para que ela tivesse o melhor direcionamento em suas decisões, mas nunca nada foi apontado para melhorar a situação da escrava. Ela era a negra fiel, submissa e com respostas “ácidas”. Mesmo sendo extremamente talentosa, Hattie ficou presa ao estereótipo de negra serviçal durante toda sua carreira.

¹ Descrição realizada a partir da leitura dos filmes.

Melhor atriz coadjuvante: Whoopi Goldberg – Oda Mae Brown
Ghost – Do outro lado da vida, 1990.

A atriz Whoopi Goldberg (61), ganhou uma estatueta do Óscar de Melhor Atriz Coadjuvante em 1991, 51 anos depois de Hattie McDaniel. Esse furo no tempo tem bastante a dizer, mostra uma desigualdade enorme com os papéis de destaque que Hollywood deu ao longo do tempo para profissionais em atuação negros. Em 51 anos, entre muitas indicações, as únicas personagens negras vencedoras foram a de uma escrava fiel, e de uma vidente que tinha o costume de tirar dinheiro dos que vacilavam. Whoopi faz parte de uma seleta lista de artistas que conquistaram o EGOT, quando a pessoa ganha os quatro principais prêmios do entretenimento: Emmy, Grammy, Oscar, Tony. Ela completou a lista no ano de 2002.

O filme conta a história de Sam Wheat (Patrick Swayze) e Molly Jensen (Demi Moore), um casal apaixonado que após um ataque têm sua vida juntos interrompida. No ataque Sam é morto, e seu espírito não vai para outro plano, pois precisa ajudar Molly. Ela corre o risco de ser morta pelo homem que Sam considerava seu melhor amigo. Para se comunicar com Molly ele utiliza Oda Mae Brown (Whoopi Goldberg), uma médium “trambiqueira” que consegue ouvi-lo, para alertar Molly do perigo que corre.

Melhor Atriz: Halle Berry – Leticia Musgrove
A Última Ceia, 2001.

O filme mostra a convivência de pai e filho, Hank Grotowski (Billy Bob Thornton) e Sonny (Heath Ledger) trabalham em uma prisão no sul dos Estados Unidos. Lawrence Musgrove (Sean "Puffy" Combs), é um dos presidiários, e recebe sempre a visita de sua esposa Leticia (Halle Berry). O guarda Hank é extremamente racista e tem dificuldade de lidar com isto pela presença de negros na prisão. Após Lawrence ser condenado à morte, Leticia segue sua vida com seu filho Tyrell. Mas acontecimentos inesperados fazem com que ela e Hank se encontrem novamente. A personagem de Halle precisa conviver com o racismo de Hank, e o sentimento de perda de seu marido.

Em seu discurso após ganhar a estatueta de Melhor Atriz em 2002, Halle Berry disse: “Este momento é muito maior do que eu. Este momento é para Dorothy Dandridge, Lena Horne, Diahann Carroll. É para as mulheres que estão ao meu lado: Jada Pinkett, Angela Bassett, Vivica Fox. E é para cada mulher de cor sem nome, sem rosto, que agora tem uma chance porque a porta esta noite foi aberta”.

Mas ao que se vê, essa chance ainda é quase nula, pois nos 89 anos de oscar, Berry segue sendo a primeira e única atriz negra a vencer na categoria de “melhor atriz”. Após 15 anos desde a vitória de Halle, apenas quatro atrizes negras foram indicadas para a categoria de atriz principal. Gabourey Sidibe em 2010, filme: Preciosa- uma história de esperança, Viola Davis em 2012, filme: Histórias Cruzadas, Quvenzhane Wallis em 2013 filme: Indomável Sonhadora e Ruth Negga em 2017, filme: Loving.

Melhor atriz coadjuvante: Jennifer Hudson – Effie White
Dreamgirls – Em Busca de um Sonho, 2006.

O filme passa em Detroit na década de 60, e conta a história de Curtis Taylor Jr. (Jamie Foxx), um vendedor de carros, que sonha em deixar seu nome marcado no indústria musical. Após conhecer o grupo The Dreamettes, formado pelas cantoras Deena Jones (Beyoncé Knowles), Lorrell Robinson (Anika Noni Rose) e Effie White (Jennifer Hudson), ele encontra o produto que tanto procurava para vender ao público. Curtis se torna o agente do grupo e muda o nome para The Dreams. O grupo se torna uma sensação, mas por desentendimentos internos, Effie sai do grupo e é substituída.

A atriz e cantora Jennifer Hudson conquistou o Óscar em 2007, e sua performance forte transfere para o espectador a indignação e injustiças que sua personagem sofre ao longo de sua trajetória.

Melhor atriz coadjuvante: Mo’Nique - Mary

Preciosa – Uma História de Esperança, 2009.

O filme se passa em Nova York, em 1987. Claireece "Preciosa" Jones (Gabourey Sidibe), tem 16 anos e mora no bairro do Harlem. Ela é violentada pelo pai e abusada pela mãe Mary (Mo'Nique), e cresce irritada e sem nenhum tipo de amor. Além disso, a jovem é pobre, negra e gorda e sofre diversas situações humilhantes não somente dentro de casa. Preciosa tem um filho portador da síndrome de Down e engravida pela segunda vez, ambos de seu pai, então é suspensa da escola. Ela é levada para uma escola alternativa para que possa ser ajudada a lidar melhor com sua vida. Constantemente ela se refugia em sua imaginação para esquecer pelo menos durante um curto espaço de tempo sua existência traumática.

A personagem de Mo'Nique é uma mulher ameaçadora que insiste que sua filha está disputando seu marido com ela. Mary não percebe a gravidade das consequências que seu tratamento com Preciosa pode trazer, e não assume a responsabilidade por seus erros e culpa sua filha por tudo. Uma das coisas que chamam a atenção é o machismo que a personagem reproduz. Por diversas vezes, ela dá a entender que a culpa pelos abusos que sua filha sofre é culpa dela, e que faz isso para roubar a atenção e "seu homem". Este pensamento arcaico da personagem é algo visto facilmente na sociedade, e muitas mulheres ainda o seguem, fazendo outras sofrerem, e tirando a responsabilidade de quem realmente era para estar sofrendo as consequências, o abusador.

Melhor atriz coadjuvante: Octavia Spencer- Minny Jackson
Histórias Cruzadas, 2011.

O filme se passa em 1963 em Jackson, Mississippi. Eugenia "Skeeter" Phelan (Emma Stone) é uma jovem jornalista branca que retorna à sua cidade determinada a ser escritora. Com isso encontra a empregada que trabalha para sua amiga, Aibileen Clark (Viola Davis), uma mulher negra que trabalhou a vida inteira para famílias brancas, e tem uma profunda tristeza pela morte de seu filho. Skeeter convence Aibileen a falar de sua vivência para um livro que pretende escrever sobre a experiência de empregadas negras e o racismo sofrido por elas.

Ainda há outra empregada central na trama, Minny Jackson, melhor amiga de Aibileen que é convencida a dar seus depoimentos para a jornalista. Após uma empregada ser presa, as outras se juntam para contar sobre suas realidades, a fim de fazer justiça pelo tratamento que são obrigadas a aguentar no dia-a-dia.

A personagem de Octavia é tempestuosa e por vezes não pensa em suas ações como deveria. Ela sofre com a violência do marido, e com a força que sua patroa a transmite, percebe com o tempo que é capaz de sair dessa realidade e leva suas filhas para longe dele. Além disso é uma ótima cozinheira e amiga, e ajudou Aibileen a passar pela fase mais difícil de sua vida com a morte de seu filho.

Melhor atriz coadjuvante: Lupita Nyong'o - Patsey

12 anos de escravidão, 2013.

O filme conta a história de Solomon Northup (Chiwetel Ejiofor) que é um escravo liberto, no ano de 1841. Ele vive com sua esposa e filhos. Mas após aceitar um trabalho que o leva a outra cidade, ele é sequestrado e vendido como escravo. Por doze anos, Solomon precisa superar todas as dificuldades para sobreviver, até conseguir sua liberdade novamente.

A personagem de Lupita é Patsey, uma escrava que se torna amiga de Solomon e é constante abusada por seu senhor Edwin Epps (Michael Fassbender), que nutre um sentimento de amor e ódio por ela. É a segunda vez que uma personagem que é escrava, ganha na categoria de melhor atriz coadjuvante.

Melhor atriz coadjuvante: Viola Davis- Rose Maxson

Um limite entre nós, 2016.

O filme se passa nos anos 1950 e conta a história de Troy Maxson (Denzel Washington) que tem 53 anos e mora com a esposa, Rose (Viola Davis), e o filho mais novo, Cory (Jovan Adepo). Ele trabalha recolhendo lixo e sempre critica a empresa por não dar oportunidade de crescimento para ele. Troy sente um grande rancor por não ter se tornado jogador profissional de baseball, e por isso não quer

que o filho seja esportista. Isso faz pai e filho brigarem constantemente, pois o filho quer tomar o controle de sua vida.

Rose é uma mulher que sofre para manter a relação de pé, e abre mão de suas vontades, sonhos e desejos para ficar ao lado de seu marido e dar apoio a ele, o que não é recíproco por parte de seu marido.

Viola Davis é uma premiada atriz que possui inúmeros prêmios por suas atuações, dentre eles a Tríplice Coroa de Atuação, o termo é usado para descrever os atores que foram premiados na premiação Oscar (cinema), Tony (teatro) e Emmy (TV).

4 REPRESENTATIVIDADE E ESTEREÓTIPOS NEGROS NA MÍDIA

A cultura veiculada pela mídia contribui para modelar a sociedade como um todo, e para as pessoas elaborem suas identidades. Modelos do que é considerado ser homem ou mulher, fracassado ou bem-sucedido, positivo ou negativo. “A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”.” (KELLNER, 2001, p. 9).

Em 1790, o tipógrafo francês Didot, cunhou o termo “estereótipo”. Significa “impressão rígida”, do grego *stereos-typos*. Foi usado para indicar as lâminas de chumbo usadas para produzir cópias da mesma página, conforme explica Emilio Santoro no artigo ‘Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias’ (2014).

Hoje, com o termo “estereótipo” se indicam com frequência generalizações simplistas e, às vezes, caricaturais utilizadas sobretudo para qualificar grupos e/ou pessoas. Por vezes, são usados “estereótipos” também para classificar, de forma grosseira, algumas categorias de ações ou modos de discursar. (SANTORO, 2014)

As pessoas negras sempre sofreram com este tipo de veiculação de sua imagem, pois possuem muitas representações de suas realidades que reforçam

estereótipos. O historiador Donald Bogle em seu livro *“Toms, Coons, Mulattoes, Mammies and Bucks: An Interpretative History of Blacks in American Film”* (1973), identificou cinco estereótipos que eram as principais representações dos negros em filmes desde o início do século XX.

O primeiro é o “Tom”, figura masculina submissa e leal ao homem branco. Está disposto a servir em qualquer circunstância, e coloca seu superior branco em um pedestal. Costuma ter mais benefícios do que os outros negros, por trabalhar próximo aos senhores. Stephen, personagem de Samuel L. Jackson em *Django Livre* (2012) é um exemplo desse estereótipo.

Figura 1 - Cena do filme “Django Livre”



Samuel L. Jackson (Stephen) e Leonardo DiCaprio (Calvin Candie). Fonte: IMDB

O segundo é “Coon”, personagem preguiçoso, malandro, e que foge de suas responsabilidades. Era usado como chacota para as pessoas em sua realidade. Esse termo se tornou sinônimo de ofensa racial, associando negros a comportamentos ruins, assim generalizando toda a raça.

O terceiro é “Mulattoes”, pessoas que escondem suas origens negras, intencionalmente ou não, e costumam ter destinos trágicos. Representam o “pecado” da miscigenação.

O quarto é “Mammy”, uma personagem com muita força e garra para lutar pela família branca que ama. É alguém sem vontades nem vida própria, que nasceu para servir, e que é quase parte da família. Já citada anteriormente, a atriz Hattie McDaniel foi a personagem Mammy no longa “...E o vento levou”, em 1939.

Figura 2- Cena do filme “...E o vento levou”



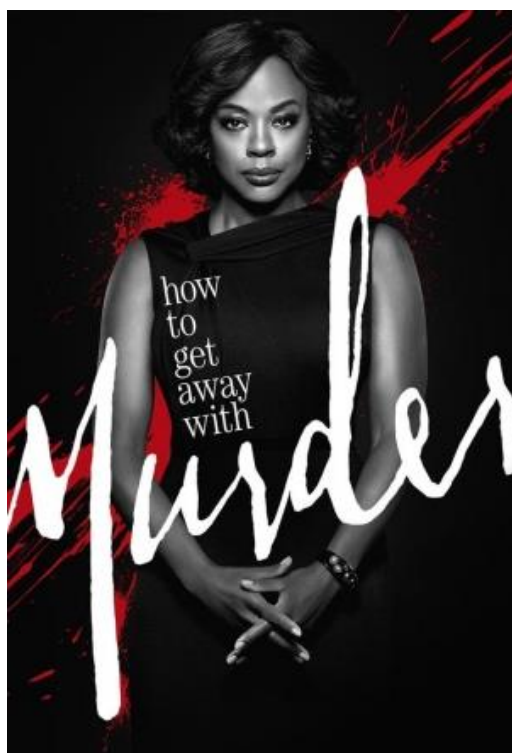
Vivien Leigh (Scarlett O'Hara) e Hattie McDaniel (Mammy). Fonte: Hollywood Reporter

O quinto estereótipo apresentado é o “Buck”. Homem negro orgulhoso, e por vezes ameaçador que possui grande interesse em mulheres brancas. É indomável, forte e hiperssexualizado, um perigo para as jovens moças brancas.

Atrizes e atores negros em sua maioria, só são destaque em produções em que o tema é específico a negros, como em filmes sobre a escravidão, período da segregação racial, ou bairros marginalizados em que mostram a difícil realidade da população negra que vive naquele lugar.

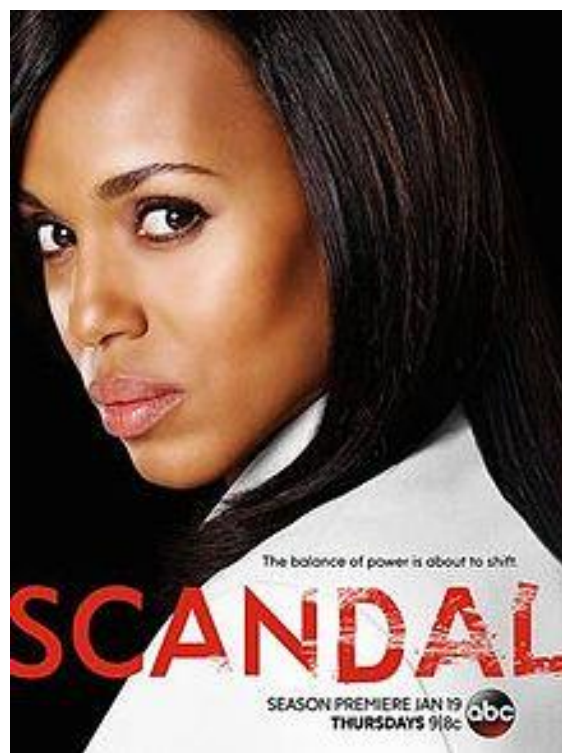
Essa realidade está mudando a passos lentos na televisão norte-americana, com séries que possuem protagonistas negras em posição de poder. Como na série *“How To Get Away With Murder”* (2014), que Viola Davis interpreta Annalise Keating. “É uma personagem imperfeita, complexa, mas poderosa e necessária na representação da mulher negra na televisão norte-americana por não ocupar espaço segregado e estereotipado em uma narrativa seriada.” (CAVALCANTE, 2015, p. 18). Outro exemplo é a série *“Scandal”* (2012), que a atriz Kerry Washington protagoniza. Ela interpreta Olivia Pope, uma ex-funcionária da Casa Branca que criou sua empresa de gerenciamento de crises. Também há a série *“Empire”* (2015), que a atriz Taraji P. Henson interpreta Cookie Lyon, ex-esposa do dono da gravadora *Empire*. Ela retorna para tomar sua parte nos negócios, após passar 17 anos na cadeia. As narrativas dessas três séries fogem da tradicional estrutura em que colocam negras em posição inferior na sociedade.

Figura 3- Pôster promocional da série “How To Get Away With Murder”.



Annalise Keating (Viola Davis). Fonte: American Broadcasting Company (ABC)

Figura 4- Pôster promocional da série “Scandal”.



Olivia Pope (Kerry Washington). Fonte: American Broadcasting Company (ABC)

Figura 5- Pôster promocional da série “Empire”.



Cookie Lyon (Taraji P. Henson). Fonte: Fox Broadcasting Company

Já no cinema brasileiro, a presença das mulheres negras é quase nula. Foi o que apontou o “Boletim gema- Perfil do cinema brasileiro (1995-2016)” realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Ela mostrou que mulheres negras não possuem grande participação nos filmes de maior bilheteria no país. Foram analisados 219 filmes, e majoritariamente foram feitos por homens brancos. As mulheres negras não comandaram nenhuma produção como diretora, e nem roteirista. Na atuação, somente 4% dos filmes são protagonizados por negras.

4.1 BLAXPLOITATION

Indo contra as tendências de Hollywood, e aos estereótipos empregados à sua raça, profissionais negros do cinema se uniram no início dos anos 1970, para produzir filmes voltados para sua realidade, onde protagonizaram suas verdadeiras histórias e discutiram temas de seu interesse, para acompanhar as mudanças políticas e sociais da época. Este movimento ficou conhecido mais tarde como *“Blaxploitation”*.

Este movimento foi de grande importância para a cultura negra, e sua produção estava forte, com isso chamou atenção de Hollywood.

Nessa época a comunidade negra ganhou mais respeito pela liberdade civil que se intensificava nos EUA. Além do crescimento na produção de filmes blaxploitation, a música negra – o jazz e o blues, principalmente – ganhava mais espaço nas paradas musicais. O jazz e o blues mostraram a capacidade dos artistas negros na indústria cultural musical. (JUNIOR & NEVES, 2011).

O filme *“Dreamgirls”*, é um exemplo de filme que aborda o crescimento da música negra nas décadas de 60 e 70. Além de voltar sua narrativa para somente pessoas negras, com suas dificuldades e superações.

Figura 6- Cena do filme “Dreamgirls”.



Anika Noni Rose (Lorrell Robinson), Beyoncé (Deena Jones) e Jennifer Hudson (Effie White)

Fonte: Paramount Pictures e DreamWorks

5 ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS FILMES HISTÓRIAS CRUZADAS E UM LIMITE ENTRE NÓS

Foram objetos desta pesquisa os filmes “Histórias Cruzadas” (2011), e “Um limite entre nós” (2016). A escolha se deu pelo fato de que as atrizes coadjuvantes Octavia Spencer e Viola Davis ganharam Oscar por seus papéis, e ambos têm em sua trama central a história de pessoas negras convivendo com o racismo e falta de voz ativa na sociedade nas décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos.

O filme “Histórias Cruzadas” é baseado no best-seller “The Help” da escritora norte-americana Kathryn Stockett lançado em 2009. Como citado em “Atrizes vencedoras” na página 18, o longa acompanha a história de Eugenia “Skeeter” Phelan (Emma Stone), e sua determinação para ser escritora. Ela encontra seu foco ao perceber a dura realidade das empregadas que estão ao seu redor, com

isso decide escrever um livro contando a verdadeira história dessas mulheres, expondo o racismo na sociedade em que vivem. É sabido que na década de 1960, a segregação racial estava em alta, e ser negro nessa realidade era uma tarefa complicada, principalmente para os pobres. As mulheres negras no filme são retratadas com medo, e a apreensão toma conta do grupo de empregadas a todo o momento. Principalmente quando uma delas é presa e o sentimento de sede de justiça fazer com que soltem seus depoimentos para a jornalista, mas ainda com medo profundo.

Figura 7- Cena do Filme “Histórias Cruzadas”



Viola Davis (Aibileen Clark) e Emma Stone (Eugenia “Skeeter” Phelan)

Fonte: Frame extraído do filme (1h 44min 13s)

Haviam punições para quem tivesse discursos a favor da igualdade racial naquele período, mas houveram pessoas que se cansaram do racismo empregado em cada pequena ação que faziam, e contribuíram ativamente para a transformação dessa realidade, como Rosa Parks, símbolo do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Uma ótima representação da força e determinação da mulher negra no cinema é no filme “The Rosa Parks Story” (2002), protagonizado por Angela Bassett que conta a história de Rosa Parks, e

todo o desenrolar das manifestações dos direitos civis em Montgomery, Alabama. Ela toma a frente e a voz principal na narrativa.

O que incomoda em “Histórias Cruzadas” é a questão da voz das empregadas serem intermediárias e não a voz final da ação, dando o crédito da exposição da realidade para a jornalista branca. O filme coloca Skeeter, como a “salvadora” das empregadas, que nunca teriam oportunidade de revelar sua realidade se não fosse pelo bom senso da jornalista em perceber as situações inaceitáveis ao seu redor. Assim, o filme mostra mulheres negras com coragem limitada para desafiar as convenções da época.

Figura 8- Reunião das empregadas no filme “Histórias Cruzadas”



Fonte: Frame extraído do filme (57m 31s).

O mesmo problema é visto em “Um limite entre nós”, que é um longa metragem dirigido por Denzel Washington, baseado na peça de teatro homônima de 1983. Como já citado em uma breve introdução página 19, a história de passa nos anos 1950 e acompanha a vida de Troy Maxson (Denzel Washington), sua esposa, Rose Maxson (Viola Davis) e o filho do casal Cory (Jovan Adepo). Facilmente percebe-se a representação depreciativa dos negros no longa, nenhum deles é mostrado em posição de poder, e mantém um estado de reclamações incessante, sem tomar atitudes para as mudanças acontecerem.

Figura 9- Rose em cena do filme “Um limite entre nós”



Fonte: Paramount Pictures

Mesmo se passando na década de 1950, a representação conformista dos personagens não é justificável, pois, por exemplo, no filme “Estrelas além do tempo” (2016), que também se passa na década de 1950, conta a história de três mulheres negras que ajudaram a Nasa (National Aeronautics and Space Administration – Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço) na corrida espacial e durante o auge da segregação racial.

Figura 10- Imagem promocional do filme “Estrelas Além do Tempo”.



Janelle Monáe (Mary Jackson), Taraji P. Henson (Katherine Johnson) e Octavia Spencer (Dorothy Vaughan). Fonte: 20th Century Fox

Elas criam suas oportunidades, e exibem até certo empoderamento, diferente de Rose, que é a esposa sem voz ativa, servente, que não progride na vida, sofredora e que se conforma com as situações que seu marido a faz passar, como a traição dele e o nascimento de uma filha fora do casamento. Esta é uma representação “batida” e que não acrescenta em nada na luta das negras. Em todos os quesitos, este filme falha na representação das negras. Os dois filmes escolhidos, não possuem representação digna da mulher negra. As mostra sem voz ativa, e dependente de alguém que fale por elas.

Figura 11- Rose inconformada após descobrir a traição do marido



Fonte: Paramount Pictures

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a produção deste trabalho, ficou claro o cenário preocupante sobre as representações entregues das mulheres negras, e sua participação na mídia em geral. As mulheres negras tiveram indicações e conquista de prêmios quase nulos em comparação a de mulheres brancas. Mesmo tendo movimento para dar mais visibilidade à causa negra nas premiações, principalmente no Oscar, muito ainda precisa ser feito para haver uma representação satisfatória.

As atrizes vencedoras nas categorias de atuação no Oscar, interpretaram personagens que perpetuam estereótipos negativos das mulheres negras, além de em sua maioria não possuir voz ativa na narrativa.

O cinema tem força para estimular o público com suas produções, e deve usar essa força para combater o racismo e o machismo perpetuado desde o início de sua criação, e fazer o público se orgulhar de suas representações.

Naturalmente, o racismo, que atravessou séculos sendo construído, não seria fácil e rapidamente extinto, os pseudo-valores herdados da escravidão ainda persistem na sociedade atual. De acordo com sociólogos e especialistas em estudos das camadas populares na América do Norte, os índices sociais - que incluem emprego, saúde e educação - entre os afrodescendentes norte-americanos são os piores em 25 anos, por exemplo, um negro que não concluiu seus estudos tem mais chances de viver como mendigo ou ir para prisão. É nesse contexto que se pode notar a importância da presença constante de personagens negros na televisão, seja em séries, filmes ou telenovelas. (DANTAS, MENDES, SANTOS & OLIVEIRA, 2015)

Ressalto a importância de contar as histórias do passado, sendo elas com personagens empoderadas ou não, mas causa espanto tantas produções premiadas pelo principal prêmio do cinema, contando histórias de mulheres que em sua maioria são marginalizadas e sem voz.

Espera-se com essa monografia que a discussão sobre o racismo na mídia seja fomentada e que possa entrar mais ainda em debate a representatividade negra, e a importância dela ser de qualidade e livre de estereótipos. Faz-se necessária a realização de mais pesquisas que façam vir a tona a problemática presente na mídia em todos os seus setores, que influenciam tão severamente na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. Z. Tv e identidade negra diante da mundialização da cultura. In: Anais do XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 1995, Aracajú. São Paulo: Intercom, 1995. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9156698fe2dc8b19f2c7104e9aad7b26.pdf>>. Acesso em 07 de novembro de 2017.

BLACK LIVES MATTER. Disponível em: <<https://blacklivesmatter.com>>. Acesso em: 19 de outubro de 2017.

BOGLE, Donald. Toms, Coons, Mulattoes, Mammies and Bucks: An Interpretative History of Blacks in American Film. Viking Press, 1973.

BORGES, Rosane; SILVA, Roberto (orgs). Mídia e racismo. Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012

CANDIDO, Marcia; MARTINS, Cleissa. Boletim gemaa- Perfil do cinema brasileiro (1995-2016). Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 2016.

.

CAVALCANTE, Pedro. Atravessando a linha: As teorias da comunicação na série televisiva How To Get Away With Murder. Brasília, Centro Universitário de Brasília- UniCEUB , 2015.

DANTAS, Ana Paula; MENDES, Marcília; SANTOS, Samir; OLIVEIRA, Geilson. Protagonização de Mulheres Negras em Séries de Televisão Norte-americanas: Uma Análise sobre as Séries Scandal e How To Get Away With Muder da Autora e Produtora Shonda Rimmes. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FONSECA, J.J.S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

JUNIOR, Edem; NEVES, Simone. Criação de um Roteiro: Blaxploitation - A Rainha Negra. Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás. Expocom, 2011.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

KEMP, Philip. Tudo sobre cinema. Rio de Janeiro: Sextante, 2011

MORGADO, Deborah Novais. A mulher no Star System hollywoodiano: Décadas de 1930, 1940 e 1950. Brasília, Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, 2017.

MORIN, Edgar. As estrelas: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

OSCAR. Disponível em: <www.oscar.com>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

OSCARS. Halle Berry Wins Best Actress: 2002 Oscars. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=llgL7mGYVTI&t=2s>>discurso>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

OSCARS. Hattie McDaniel winning Best Supporting Actress. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e7t4pTNZshA>>. Acesso em: 05 de novembro de 2017.

PARAIRE, Philippe. O cinema de Hollywood. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SANTORO, Emilio. Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD), 2014.

TELEVISION ACADEMY. Viola Davis Gives Powerful Speech About Diversity and Opportunity | Emmys 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSpQfvd_zkE>. Acesso em: 05 de novembro de 2017

WOMENS MEDIA CENTER. Disponível em: <<http://www.womensmediacenter.com>>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

WOMEN'S MEDIA CENTER. Análise de 10 anos de gênero e nomeações de Oscar. Disponível em: <<http://www.womensmediacenter.com/reports/interactive-oscar-data>>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.